

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM  
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**MARIA IVA PEREIRA SULA**

**LEITURA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**JOAO PESSOA  
2019**

**MARIA IVA PEREIRA SULA**

**LEITURA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, com área de aprofundamento em Educação do Campo.

Orientadora: Profa. Dra. M<sup>a</sup> Aparecida Valentim Afonso

**JOAO PESSOA**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S9491 Sula, Maria Iva Pereira. pedagogica na educação do campo / - João Pessoa, 2019. 45 f.	leitura como pratica Maria Iva Pereira Sula.
--	---

Orientação: Maria Aparecida Valentim Afonso Afonso.  
Monografia (Graduação) - UFPB/GRADUAÇÃO.

1. EDUCAÇÃO DO CAMPO, LEITURA E PRÁTICA PEDAGÓGICA. I.  
Afonso, Maria Aparecida Valentim Afonso. II. Título.

UFPB/BC

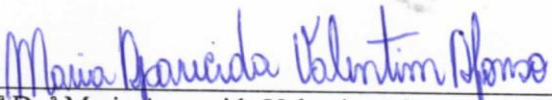
MARIA IVA PEREIRA SULA

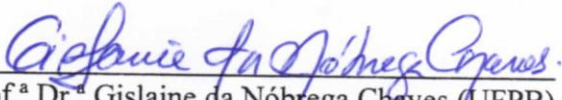
**A LEITURA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

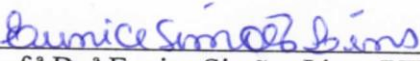
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo.

APROVADO EM: 30/05/2019

BANCA EXAMINADORA

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Valentim Afonso (UFPB)  
(Orientadora)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gislaíne da Nóbrega Chaves (UFPB)  
(Examinadora)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eunice Simões Lins (UFPB)  
(Examinadora)

JOÃO PESSOA  
2019

*“A leitura da palavra é precedida da  
leitura de mundo”*  
*(Paulo Freire).*

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser meu guia  
nesta jornada;  
Aos povos do campo, como forma de contribuir para uma  
educação melhor;  
À minha família e aos meus amigos que, direta ou  
indiretamente, sempre estiveram comigo*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que me deu a oportunidade, a coragem e a sabedoria de permanecer até aqui, com paz e saúde para encarar os obstáculos do dia a dia para realizar um sonho de criança: ser professora.

Agradeço e ofereço esta conquista para minha mãe Josefa Pereira de Oliveira que mesmo de longe cuidava de mim orando e pedindo a Deus, todos os dias, que o tempo passasse rápido para que eu pudesse terminar os estudos e ficar juntinho dela, em minha cidade natal.

Ao meu irmão Edme Pereira Sula, que me ajudou e ajuda com o pouco que tem me incentivando a não desistir nos dias difíceis.

Ao meu esposo, marido, companheiro Nunes Silva Nunes que, apesar das dificuldades que passamos juntos ou separados, não nos abandonamos...continuou comigo nesta caminhada para realizar um sonho que no início era apenas meu, mas que hoje é nosso. Obrigada!

Às professoras, em especial, Maria do Socorro Xavier e Andreia Dantas, que tantas vezes me deram a oportunidade de tentar mais uma vez quando eu pensava em desistir conversavam comigo dando-me ânimo e coragem para prosseguir em frente.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dra. M<sup>a</sup> Aparecida Valentim Afonso, que me ajudou e orientou para que eu pudesse realizar um bom trabalho de pesquisa me dando ânimo e me guiando nesta jornada. Obrigada!

Agradeço de forma carinhosa às professoras que compõem esta banca examinadora, Eunice Simões Lins e Gislaine da Nóbrega Chaves, que se dispuseram a ler o trabalho, colaborando para a realização deste momento. Obrigada!

Aos amigos Kátia Vitória Feliciano, por me ajudar em todos os momentos. Não tenho palavras: Obrigada!

À Monica Ferreira Lima dos Santos pelas trocas, parcerias e cumplicidade vivenciadas durante os cinco anos de estudos. Obrigada pela amizade!

A Paula Perazzo pela amizade e ajuda com os meus filhos, obrigada.

Aos meus filhos Larissa Pereira Nunes e Joaquim Pereira Nunes, em especial, a minha filha Larissa que esteve comigo nesta caminhada suportando muitas coisas... Com inocência me fortalecia, dando-me coragem para vencer esta etapa da minha vida. A cada tristeza que acontecia em minha vida, ela me alegrava e alegre com seu lindo sorriso. Mamãe ama muito

estes seres maravilhosos que Deus me deu. É para vocês este diploma! Só quem é mãe sabe o que é isso.

E, por fim, agradeço a minha colaboradora, Maria Marly de Sousa, professora da escola José Rodrigues do Nascimento. Muito obrigada pela disponibilidade!

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral analisar as práticas de leitura realizadas pela docente em uma sala multisseriada, do segundo ao quinto ano, em uma escola do campo, no município de Serra Grande/PB, buscando desenvolvimento das ações pedagógicas e a aprendizagem das crianças no eixo leitura. Diante disso, também tem como objetivos específicos, identificar procedimentos e estratégias de leitura realizadas na sala de aula; discutir as práticas de leitura identificadas; refletir sobre as dificuldades apresentadas pelos alunos em relação a aprendizagem do eixo leitura; e, por último, compreender as práticas de leitura realizadas pela docente. Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, valendo-se da pesquisa de campo realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Jose Rodrigues do Nascimento”, no período de dois meses: fevereiro e março de 2019. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados a observação em sala de aula e a entrevista semiestruturada com a docente da turma. Podemos concluir que ler não é apenas um hábito mecânico de decodificação de letras e palavras; ler é uma atividade complexa que oportuniza a descoberta e a redescoberta do mundo, por meio da compreensão e ressignificação dos textos. Portanto, ler também é transmitir emoção e prazer. Para que a criança alcance este nível de descoberta e prazer, é necessário que a escola e os professores estejam comprometidos com essa prática, utilizando muitos textos e estratégias que possibilitem vivências lúdicas com a leitura para que os alunos sejam leitores de uma vida toda.

**Palavras-chave:** Educação do Campo, leitura, prática pedagógica.

## **ABSTRACT**

This dissertation aims to analyze the reading practices carried out by the teacher in a multi-series classroom, from the second to fifth year, in a rural school, in the county of Serra Grande / PB, seeking to develop pedagogical actions and the reading axis. In view of this, it also has the specific objectives of identifying procedures and reading strategies carried out in the classroom; discuss the identified reading practices; reflect on the difficulties presented by the students in relation to reading axis learning; and, finally, to understand the reading practices carried out by the teacher. This work was developed from a qualitative approach, using the field research carried out at the Municipal School of Primary Education "Jose Rodrigues do Nascimento", in the period of two months: February and March of 2019. As data collection instruments the observation in the classroom and the semi-structured interview with the class teacher were used. We can conclude that reading is not just a mechanical habit of decoding letters and words; reading is a complex activity that facilitates the discovery and rediscovery of the world through the understanding and re-signification of texts. Therefore, reading is also transmitting emotion and pleasure. In order to the child to reach this level of discovery and pleasure, it is necessary for the school and teachers to be committed to this practice, using many texts and strategies that allow for playful experiences with reading so that students are readers of a lifetime.

Key words: Field Education, reading, pedagogical practice.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Observação de aulas. ....	29
--------------------------------------	----

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Pescaria. ....	33
Imagem 2- Tapete de leitura. ....	35
Imagem 3 - Caixa de leitura. ....	36
Imagem 4 - Atividade no quadro. ....	36
Imagem 5 - Escrita dos alunos. ....	37
Imagem 6 - Escrita dos alunos (2). ....	38
Imagem 7 - Atividade. ....	38
Imagem 8 - Improvisando com fantoches . ....	39
Imagem 9 - Apresentação grupo 1 . ....	40
Imagem 10 - Apresentação grupo 2. ....	40

## **Sumário**

INTRODUÇÃO.....	11
<b>1 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO .....</b>	<b>14</b>
1.1 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO .....	16
1.2 COMPREENDENDO A CONCEPÇÃO DE LEITURA.....	19
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>25</b>
2.1 NATUREZA E TIPO DE PESQUISA .....	25
2.2 CONTEXTO DA PESQUISA: CONHECENDO A ESCOLA.....	26
2.3 A COLABORADORA DA PESQUISA .....	27
2.4 OS INSTRUMENTOS DA PESQUISA: OBSERVAÇÃO .....	28
<b>3 PRÁTICAS DE LEITURA EM SALA DE AULA .....</b>	<b>29</b>
3.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA ENTREVISTA .....	29
3.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA OBSERVAÇÃO.....	32
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>

## INTRODUÇÃO

*“É necessário repensar a relevância do significado da educação no contexto da existência social e individual dos homens” (SEVERINO, 1982, p. 07).*

Ao iniciar este TCC com uma frase do livro de Antônio Joaquim Severino a intenção é demonstrar a crença em uma educação para todos, que leva em consideração o contexto social e individual dos homens e mulheres, no sentido de avançar cada vez mais para uma educação de qualidade, principalmente, quando nos referimos a uma educação para os sujeitos do e no campo.

As escolas do campo apresentam muitas carências em relação às políticas públicas que sejam eficientes para sua autonomia em relação a formação de professores, transportes materiais didáticos, estrutura da escola e outro. Porém, acreditamos que a mesma tem avançado bastante.

A ideia para escrever este trabalho de conclusão de curso surgiu a partir do meu desejo de ser uma professora atuante e poder contribuir mais e mais para a educação dos sujeitos do campo. Essa ideia começou há muito tempo, enraizada com a minha história. Foi em uma escola rural, em uma sala multisseriada que me alfabetizei e fiz o que antes chamavam de pré-escola. Por isso, acredito que a paixão pela educação do campo surgiu pelas minhas raízes, por ser filha e neta de agricultores, que vivem até hoje, em função da agricultura. As dificuldades observadas na vida dos meus pais, que não tiveram a oportunidade de estudar, pois tinham que trabalhar desde cedo, para ajudar em casa, me marcaram profundamente.

Embora não tendo acesso aos estudos minha mãe sempre nos incentivou e relatava que a única herança e o bem mais precioso que podia nos dar era a oportunidade de estudar. Oportunidade essa que nunca foi fácil para mim nem para meus irmãos. As dificuldades, marcadas por vários fatores, foram surgindo ao longo do tempo. O fato de meus pais não terem uma renda fixa para nos auxiliar nos estudos determinou uma sucessão de carências educativas que repercutiu na vida de toda a família. Dos sete irmãos, apenas eu consegui entrar em uma universidade pública, pois carregava comigo o sonho de um dia ser professora, na expectativa de mudar a realidade de muitos daqueles que não tiveram ou não tem a oportunidade de seguir em seus estudos.

Sempre busquei tornar meus sonhos realidade, mesmo a custo de muitas dores e sofrimentos. Hoje ao escrever este trabalho faço com muito orgulho e amor, pois quero

mostrar para minha família e a todas as pessoas da comunidade que sou capaz e que consegui alcançar o sonho que tenho desde a infância: o de ser professora, uma transformadora de mundo!

A paixão de ser professora foi se fortalecendo à medida que fui crescendo e entendendo mais o mundo. No início da minha adolescência quando comecei a ministrar aula de reforço e trabalhar como auxiliar de sala em uma escola de minha cidade, por cinco anos consecutivos, pude confirmar essa vontade. Com essa atividade eu fazia o que tanto gostava e ainda conseguia ajudar a minha mãe nas contas de casa. Trabalhava pela manhã como auxiliar de sala, a tarde ministrava aula de reforço e a noite estudava. Era também nesse horário que fazia as tarefas dos alunos à luz de velas, porque meu padrasto não permitia que a luz ficasse acesa depois às 20 horas.

Quando adulta, fiz o Processo Seletivo Simplificado (PSS) e tive a oportunidade de fazer o Curso de Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo. Oportunidade única, que agarrei com todas as minhas forças.

Durante o curso, tive a oportunidade de participar de alguns projetos, palestras e estágios, que contribuíram bastante para a minha formação, ampliando a visão sobre a concepção de educação do campo e sobre o processo de ensino nesse espaço. Por isso, no final do curso, no momento de escolher o assunto para a pesquisa, o tema “A leitura como prática pedagógica nas escolas do campo” surge, naturalmente, devido às vivências realizadas durante a minha trajetória. Assim, o desejo de fazer a pesquisa em minha cidade de origem, também surge por acreditar que as escolas do município de Serra Grande têm um grande diferencial.

Um dos motivos para acreditar nesta hipótese é saber que em minha cidade têm advogados, engenheiros, médicos, farmacêuticos, químicos, etc., todos advindos de escola pública e que passaram por uma escola rural. Portanto, apesar de Serra Grande ser uma cidade com uma população formada por agricultores e agricultoras e ter como fonte de renda a agricultura e o serviço público municipal, o seu povo é inteligente.

Por tudo isso compreendo que os alunos das escolas do campo são estudantes que tem necessidade de conhecimentos científicos, uma vez que são homens e mulheres que possuem potencialidades e capacidades próprias do seu modo e forma de vida diferenciada, marcada pelo trabalho no campo, merecendo respeito ao seu modo de aprender e tendo direito a uma educação de qualidade.

Neste trabalho realizamos uma análise das práticas de leitura buscando entender como é realizado o processo de ensino de leitura no dia a dia de uma escola do campo. Este consiste em uma pesquisa realizada na escola E.M.E.F. “José Rodrigues do Nascimento”, na cidade de Serra Grande e teve como objetivo analisar as práticas de leitura de uma professora em uma sala multisseriada, nos anos iniciais do ensino fundamental, em uma escola do campo.

Para tanto, estruturamos da seguinte forma: inicialmente realizamos o contexto histórico da educação do campo. Neste tema iremos debater a história da educação do campo, discutindo sua importância e ressaltando alguns paradigmas que foram e ainda estão para ser quebrados, a partir dos pressupostos e pesquisas de autores como Caldart (2002), Alencar (2011) e Batista (2011). Depois abordaremos resumidamente as concepções da educação do e no campo, ressaltando os avanços e conquistas para cada tempo histórico. A seguir faz-se uma breve contextualização do tema, enfatizando o ensino da leitura, trazendo autores como Martins (2012), Freire (1989), Foucambert (1994, 1997), Solé (1998) e o documento que orienta a organização curricular das escolas, a BNCC (2017), dentre outros.

Na segunda parte, apresentamos a metodologia da pesquisa, momento em que trazemos o modo como esta pesquisa foi realizada, com sua abordagem, estratégias e instrumentos de coleta de dados. Assim trazemos o tema conhecendo a Escola Municipal de Ensino Fundamental “José Rodrigues do Nascimento”, relatando um pouco da sua história. Em seguida apresentamos a nossa colaboradora, a professora da escola.

Na terceira parte apresentamos, discutimos e analisamos os dados coletados na pesquisa por meio da entrevista semiestruturada e da observação, momento em que podemos perceber as práticas de leitura realizadas em sala de aula pela professora.

Finalizamos com as considerações finais, momento em que apresentamos nossas impressões e análises sobre o estudo realizado, referentes as práticas de leitura, a partir dos dados coletados.

Finalizamos com a certeza de que este trabalho poderá contribuir com professores e pesquisadores que se dedicam a estudos sobre educação do campo, a compreensão de práticas de leitura em turmas multisseriadas como também de temáticas que estejam articuladas ao processo de ensino e aprendizagem de linguagem nas escolas do campo.

Esperamos que o resultado dessa pesquisa possa oferecer subsídios para refletirmos um pouco mais sobre a realidade dos sujeitos do campo, contribuindo para que haja um melhor desenvolvimento da educação do campo e no campo, oferecida nessa comunidade.

A certeza que temos é que a realização desta pesquisa nos ajudou a concluir uma etapa, mas também contribuiu ampliando horizontes, com novas possibilidades para pensar a escola do campo e as turmas multisseriadas.

## **1 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Segundo os estudos e pesquisas de Caldart, Batista e outros, a escola do campo surgiu através dos movimentos sociais, onde os manifestantes perceberam a necessidade do aperfeiçoamento do conhecimento da leitura e da escrita, para que pudessem reivindicar melhor os seus direitos, bem como garantir os direitos estabelecidos na Constituição.

Em 1934, surge a necessidade de uma escola para os trabalhadores rurais. Isso ocorre quando os Pioneiros da Escola Nova que, representaram uma nova relação de forças oriundas pelo conjunto de insatisfações de setores intelectuais, cafeicultores, classe média e até massas populares urbanas se instalaram na sociedade, solicitando reformas educacionais. Nesse momento, podemos dizer que surgiu uma educação profissional, voltada para o contexto industrial. Em relação à educação rural, no Artigo 156, o parágrafo único, da Constituição de 1947, determina que: “Para realização do ensino nas zonas rurais, a União reservará, no mínimo, vinte por cento das quotas destinadas a educação no respectivo orçamento anual” (apud. POLETTE, 2001, p. 169).

Nesta perspectiva insere-se uma educação, omitindo os direitos dos sujeitos do campo. Em 1947, a nova Constituição Brasileira propõe que a educação rural seja transferida para responsabilidade de empresas privadas industriais, comerciais e agrícolas. No Artigo 166; inciso III, da Constituição (1947) estabelece que: “as empresas industriais, comerciais e agrícolas, são obrigadas a manter o ensino primário gratuito para os seus servidores e os filhos destes, desde que a empresa tenha mais de cem pessoas trabalhando, as quais são sujeitos que vivem no do campo” (BALEEIRO E SOBRIDINHO, 2001). Esta ideia permaneceu até 1970.

Como podemos observar os artigos, inciso e parágrafos acima restringem a oferta de educação a determinados sujeitos e condicionam a sua oferta a empresas, não obrigando o Estado a assumir a responsabilidade com a Educação do Campo. Nesta direção é fácil entender porque a educação rural é tão desvalorizada e apresenta tanto descaso e um alto nível de analfabetismo.

A partir da Constituição de 1988, o Brasil consegue aprovar políticas de direitos educacionais bastante significativas. Durante a gestão de Fernando Henrique Cardoso foram elaboradas e implementadas reformas educacionais que desencadearam alguns documentos fundamentais como: Nova Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, a 9394/96 (LDBN), o Plano Nacional da Educação (PNE) de 2001, e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Tais regulamentos legais provocaram avanços significativos na educação do campo.

Em relação ao Plano Nacional de Educação, Saviani (1987) argumenta que as novas regulamentações legais apresentam contribuições quando a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 214 determina que “A lei estabelecerá o Plano Nacional de Educação” e no artigo 211 estabelece como tarefa da União, Estados, Distrito Federal e Municípios a organização de seus sistemas de ensino. Para os Sistemas de Ensino (seriados ou ciclados) ficou a responsabilidade de estabelecer o que deve ser ensinado em cada ano escolar e construir estratégias didáticas para que os estudantes progredam em seus conhecimentos, respeitando-se a heterogeneidade do grupo ou dos sujeitos.

Conforme estabelecido em documentos legais, como a constituição de 1998 os sujeitos do campo passam a ter direito à escolarização (BRASIL, 1988) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (BRASIL, 1996), ressaltando que o ensino “era” de forma urbanocêntrica, desconsiderando os saberes de homens, mulheres e crianças do campo. Nesta perspectiva surge o decreto de Lei nº. 7.352<sup>3</sup>, de 4 de novembro de 2010 que dispõe sobre a Política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA.

De acordo com Caldart (2002), os povos do campo devem ser atendidos por políticas de educação que garantam seu direito a uma educação “no e do campo”. A autora explica a diferença entre esses termos, assim: “NO: os sujeitos têm direito a ser educados no lugar onde vivem; DO: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar onde vive e com a sua participação, vinculada às suas necessidades humanas e sociais” (CALDART, 2002, p.18). Portanto, a educação ofertada a esses sujeitos deve valorizar o modo de vida e as peculiaridades desses povos do campo, pensando e oferecendo uma educação do campo como uma educação de possibilidades.

Sabemos que a educação do campo, tem melhorado muito com o passar do tempo e que muitos paradigmas foram quebrados. Todavia, o sistema educacional brasileiro apresenta várias controvérsias. Sendo assim, podemos dizer que a escola do e no campo tem obtido

muitos avanços, porém ainda é preciso garantir direitos, principalmente na formação profissional dos (as) educadores (as), em transportes e estrutura. Para tanto, é necessário um apoio maior por parte dos governantes, para que os povos do campo tenham, efetivamente, direito a uma educação de qualidade.

Existem alguns programas para o melhoramento da escola do campo como PNDE (Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação), o PDDE (Plano de Dinheiro Direto na Escola), mas o que deu mais força a este movimento além dos movimentos sociais foi o PNE (Plano Nacional de Educação), criado recentemente e que começou a ser colocado em prática a partir de 2010.

Em nossa pesquisa, percebemos a necessidade de um maior conhecimento sobre a educação do campo para que os professores estejam preparados para administrar a educação do e no campo, integrando campo e cidade, com conhecimentos sobre os assuntos do campo e metodologias que garantam uma educação de qualidade, com conteúdos como; a exclusão, luta dos movimentos sociais, a sustentabilidade, a agroecologia, a cultura, o agronegócio e outros.

A luta dos povos do campo é constante e ganha novas dimensões na atualidade. Os movimentos sociais foram e ainda são espaços de luta em massa, que tem como objetivos: terra, casa, saúde, educação, e outros direitos assegurados pela própria constituição, onde diz que todos têm direito a cidadania independentemente de cor, raça, etnia, religião etc. De acordo com Batista (2011, p. 51):

Os movimentos sociais buscam superar os problemas da população camponesa e fortalecer a agricultura familiar e para tanto lutam por reforma agrária, reivindicam políticas de créditos estáveis, assistência técnica, infra-estrutura, escoamento, seguro, garantia de mercado e preço e políticas sociais de saúde, educação, cultura, lazer, energia que garantam os direitos sociais e superem as más condições de vida e que garantam melhoria da qualidade de vida do campo.

Esta ideia nos remete a dizer que os sujeitos do campo devem ser contemplados na sua diversidade, os quais são diferentes entre si, possuindo saberes e experiências diferenciadas que os marcam. Assim há uma compreensão de educação do campo que apresenta diversidades de povo oprimido.

## 1.1 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

Até 1988 a expressão evidenciada nos textos constitucionais caracteriza a educação ofertada aos povos do campo como rural e somente adquire o significado de Campo a partir 2002, com aprovação da Resolução CNE/CEB Nº. 01 de 03 de abril; as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo.

A aprovação da Resolução CNE/CEB Nº. 01 de 03 de abril de 2002, as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo, constitui um importante marco para a história da educação brasileira e, em especial, para a educação do campo. Embora os aspectos legais apontem para avanços, a lentidão provocada pela burocracia faz com que as políticas de direito não alcancem proporções significativas e se efetivem concretamente nas escolas do campo em todo o país.

Nesta perspectiva podemos afirmar que a educação enquanto direito fundamental foi ao longo dos anos, negado as classes mais pobres do Brasil. Por este e outros motivos foram realizadas lutas organizadas em todo país, para que o direito a uma educação de qualidade fosse concretizado, dando garantia a uma educação que atenda as necessidades dos povos excluídos.

A educação do campo está relacionada a uma postura político-pedagógica crítica, dialética, dialógica, postulando uma formação “técnica e política” (CANDAUI, 2005), de sujeitos politicamente conscientes, com uma visão humanizada a valorizar o sujeito através de sua identidade cultural e compreende o trabalho como algo que dignifica o homem, enquanto sujeito histórico e não enquanto objeto ou coisa.

Nessa compreensão, a gênese das palavras educação do campo tem origem na ação dos movimentos organizados, na construção de políticas públicas educacionais para os assentamentos de reforma agrária. O termo camponasce dessa configuração repercutindo acirradamente após o I Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária (I ENERA), realizado em 1997, promovido pelas entidades: MST, UNB, UNESCO, UNICEF, e CNBB, que tinham como finalidade ampliar um debate nacional sobre a educação do mundo rural, levando em conta o contexto do campo em termos de cultura específica, bem como a maneira de ver e de se relacionar com o tempo, o espaço e o meio ambiente e quanto ao modo de viver, de organizar a família e o trabalho (apud KOLLÍN, NERY, MOLINA, 1999, p.14).

Em 1998 “acontece a I Conferência Nacional de Educação do Campo, movimento por uma Educação Básica do Campo”. Caldart (2004) afirma em seus estudos “ser esse o momento do batismo coletivo de um novo jeito de lutar e pensar a educação para o povo brasileiro que vive e trabalha no e do campo”. E continua:

Educação do campo e não mais educação rural ou educação para o meio rural. A proposta é pensar a educação do campo como processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores do campo gestado desde o ponto de vista dos camponeses e da trajetória de lutas de suas organizações (CALDART, 2004, p. 13).

Em 2004 realizou-se a II Conferência Nacional de Educação do Campo. Nesse momento ampliaram os grupos organizados, as universidades, e as representações governamentais, bem como a concepção de educação. A Educação do campo, não mais era pensando apenas na educação “básica” (1ª a 4ª séries), mas, na luta para inserir os filhos dos trabalhadores do campo, em toda educação básica (educação infantil, fundamental e médio), e nas universidades públicas brasileiras de graduações e pós-graduações; uma vez que, o campo também necessita de diversos profissionais qualificados para atuarem nessa realidade. Neste momento surge uma escola do campo, não uma educação para os sujeitos do campo e sim uma educação como sujeitos do campo. Conceição (2014, p.17) afirma esta ideia e diz que:

[...] são as pessoas, em suas comunidades, através de suas práticas cotidianas e por meio dos processos educativos os quais estão inseridos, que atuam como os principais atores na criação, na recriação, na conservação e na transformação dos valores culturais e fornecem assim meios para a comunicação com o outro e o diferente.

Assim, entendemos que é através da cultura que nos tornamos individuais e coletivos ao mesmo tempo, é ela que nos diferencia e nos aproxima de outros povos. A cultura deve estar nos processos educativos como também inserida como uma forma de linguagem dinâmica que se renova de acordo com o seu tempo histórico.

A educação do campo não diferente da educação urbana quando se concebe educação como processo de formação humana, processo este que acontece na escola e em todas as instituições educativas existentes na sociedade,

Considerando que a educação do campo esteja cada vez mais fortalecida é necessário encarar alguns desafios como uma educação no e do campo, escola, currículo, materiais didáticos, e a formação de professores. Acreditamos que este último item seja de fundamental importância para que ocorra, de fato, a consolidação desta educação tão esperada, a Educação do Campo e para o campo. “Formação esta que atenda as novas dimensões e princípios que formam a identidade da educação do campo”, conforme ressalta Alencar (2011,p.214).

Nessa dimensão é necessário discutir processos e formas flexíveis de organização escolar e metodologias apropriadas para a educação do campo, considerando em sua prática o

diálogo entre os diversos e diferentes saberes que constituem a educação formal, não formal, e a informal, de forma a estabelecer a criticidade, a criatividade e a dialogicidade na constituição da participação dos professores do campo como sujeitos e coautores das práticas pedagógicas (ALENCAR, 2011, p. 219).

Nesta direção o papel do professor surge como um diferencial para que esta educação de fato se concretize, considerando a história da educação rural/campo.

Para tanto, é preciso compreender que “ser professor do campo exige rever posições sobre a educação, a escola, o aluno (a), o currículo e a sua própria formação. Ser professor do campo e partir de onde os professores estão, da linguagem do seu cotidiano, do seu saber” (ALENCAR, 2011, p 221). Por isso, é importante que haja uma formação para professores da educação do/no campo e que os mesmos residam perto do seu local de trabalho, para que exista uma interação maior entre teoria e prática.

Alencar (2011,p. 209) reitera esta ideia ao dizer que “considera que a formação do professor pode ser o caminho para a materialização da educação do campo em sua defesa por uma educação e uma escola diferente da que existe na realidade da área rural” no qual o campo possa ser considerado lugar de vida, de produção e desenvolvimento.

## 1.2 COMPREENDENDO A CONCEPÇÃO DE LEITURA

Quando falamos de leitura ou perguntamos a alguém a definição de leitura iremos obter várias respostas, entre elas, leitura é ler. No entanto, precisamos considerar que a leitura é tudo aquilo que podemos ver, tocar e interpretar. Muitos estudiosos acreditam que só aprende a ler lendo, e que essa leitura deve ser iniciada a partir do contexto pessoal ao qual cada indivíduo está inserido. Nesse sentido, as condições pessoais dos indivíduos influenciam a formação do leitor e o modo de ler e compreender.

Entendemos que para ser um bom leitor é preciso ter acesso a diferentes materiais e gêneros textuais para ler de modo a reconhecer a importância da leitura na vida cotidiana dos sujeitos. O acesso a uma variedade de textos está relacionado às condições materiais e culturais do sujeito.

Leitura também pode ser compreendida como a curiosidade de conhecer o que não se conhece, isto porque é através dela que é possível conhecer algo novo ou o que já existe mais em tempos históricos, antigos e distantes. Saber ler e praticar a leitura é uma ferramenta de

poder para os sujeitos dominadores tanto para aqueles dominantes, quanto para os dominados. Conforme defende Freire (1989) a leitura é uma ferramenta para a libertação.

Saber ler e dar significado a algo é uma conquista da autonomia a qual permite a ampliação dos horizontes, conforme ressalta Martins (2012, p. 21) “o ato de ler: a interação das condições internas e subjetivas e das externas e objetivas é fundamental para desencadear e desenvolver a leitura. Seja quem for o leitor, o ato de ler sempre estará ligado às condições, precárias ou ideais”.

Tradicionalmente, a leitura está relacionada à decifração da escrita. No entanto, além da decifração, o processo de formação do leitor deve ser articulado à compreensão do texto e a percepção crítica de suas ideias de modo a promover a capacitação do sujeito para o convívio em sociedade, para sua atuação social, política, econômica e cultural. Nesta perspectiva, é importante uma educação de qualidade, envolvendo o desenvolvimento a habilidades intelectuais, sociais e comportamentais nos estudantes, por meio das práticas de leitura.

Por isso, entendemos que o ensino da leitura é importante em todas as suas faces, sendo necessário valorizar cada passo e experiência em relação ao desenvolvimento leitor, levando em consideração o contexto histórico do sujeito. Martins (2012, p. 30) considera “a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem”.

Isto porque quando falamos das diferentes formas possíveis de leitura, utilizando os cinco sentidos como o tato, por exemplo, estamos nos referindo a tocar ou identificar algo. Em relação à audição a leitura pode possibilitar o ouvir e reproduzir; em relação à visão, abrange o ver e o falar; o olfato pode provocar a sensação dos cheiros e aromas; e por meio do paladar é possível sentir, saborear, reproduzir e inventar etc. Essa ideia de leitura que envolve todos os sentidos, mais ampla e abrangente é importante e indispensável, principalmente, quando nos deparamos com crianças que apresentam alguma deficiência relacionada aos cinco sentidos, pessoas com deficiências auditivas e/ou visuais.

Nesta perspectiva, Martins (2012) define três tipos básicos de leitura: a leitura sensorial - que envolve o toque, o ver, o sentir e o ouvir. Este tipo de leitura está relacionado com os cinco sentidos mencionados anteriormente. Compreende uma etapa da leitura que começa muito cedo, mas que nos acompanha para vida toda.

A leitura emocional, por sua vez, é caracterizada por nos dominar pelos sentimentos, no processo de participação afetiva/não numa realidade alheia, fora de nós. Este tipo de

leitura pode proporcionar uma fuga da realidade e, conseqüentemente, uma abertura intencional de novos horizontes.

A leitura racional, a mais profunda pode ser entendida como a “verdadeira” leitura, uma vez que a capacidade do leitor supera todos os outros. Para atingir esse tipo de leitura o indivíduo precisa desenvolver a capacidade de produzir e apreciar a linguagem, especialmente a artística, sendo necessário para isso o domínio da leitura e da escrita. Por isso, concordamos que

[...] A construção da capacidade de produzir e compreender as mais diversas linguagens está diretamente ligadas a condições propícias para ler, para dar sentido ou atribuir significado a expressões formais e simbólicas, representacionais ou não, quer sejam configuradas pela palavra, quer pelo gesto, pelo som, pela imagem. E essa capacidade relaciona-se em princípio com a aptidão para ler a própria realidade individual e social (MARTINS, 2012, p.65).

A citação acima está ligada diretamente com o objetivo que queremos alcançar para a educação do campo, levando em consideração todos os tipos de leitura e a valorização do contexto social e cultural do leitor.

Podemos considerar que este nível racional de leitura implica no desenvolvimento de um leitor que mobiliza conhecimentos de ordem intelectual e cultural; um leitor que atribui significado à leitura, questionando o autor, o texto, fazendo relações com seu meio social ao longo da sua trajetória como leitor.

Por isso, a leitura proporciona experiências diferentes para cada indivíduo, na medida em que ao ler estamos atribuindo sentido e compreendendo o texto. Nesse sentido, podemos dizer que ler é também dialogar com o autor, com o sentido ou os sentidos expressos no texto, oportunizando abstração e reflexão. Assim, ler é uma ação prática, mas ao mesmo tempo subjetiva.

Diante dos estudos realizados sobre o respectivo tema podemos inferir que ler é um processo complexo, que envolve sentidos, conhecimentos e capacidade de abstração. Ensinar aos alunos todas as possibilidades que a leitura proporciona é uma tarefa complexa.

Foucambert (1997, p. 38) destaca que “a maior dificuldade dos leitores é descobrir o prazer que a leitura proporciona para o leitor. No entanto, estes indivíduos não descobriram este prazer de ler, portanto não leem”. Este é o principal motivo pelo qual da maioria das crianças, jovens e adultos não gostarem de ler. O ato de ler necessita ser um exercício, uma rotina diária a ser realizada pelo leitor.

No momento atual, a leitura ainda é um comportamento privilegiado imposto pelos privilegiados, deixando as classes menos favorecidas excluídas deste mundo mágico, curioso e divertido, o qual faz tanta diferença na vida do indivíduo do campo numa sociedade capitalista. Foucambert (1997, p.41) ressalta essa ideia quando diz que “o exercício da leitura e suas modalidades decorre das características do lazer e do trabalho, bem como das formas de sociabilidades que juntas definem o ‘estilo de vida’”.

A leitura pode ser estimulada de forma mais eficiente quando o aluno demonstra o desejo de ler, seja porque se interessou pelo tema ou pelas imagens do livro. A vontade de ler e a expectativa sobre o tema a ser lido podem ajudar a seduzir o leitor e a partir de uma primeira leitura abrir novos horizontes. Neste sentido, a prática da leitura poderá fluir com mais êxito, principalmente quando for algo que interessa ao leitor. Portanto a leitura de palavras frases, textos ou livros precisa fazer sentido para quem está lendo.

Muitas vezes, na escola, o ensino da leitura é precarizado devido à falta de acesso a diferentes gêneros e variados livros, fato que impede os estudantes de conhecerem uma diversidade de textos, ou seja, excluindo os alunos da possibilidade de desenvolverem a apreciação estética dos gêneros. Esta exclusão ocorre em detrimento de precariedade de material ou acervo resguardado das crianças como forma de preservar o material nas escolas.

Foucambert (1997, p. 110) destaca que a “exclusão pela precariedade material acirrada numa sobriedade assistida, que não outorga de modo nenhum o direito e o lazer de distanciar-se de colocar os problemas para além do instante”.

Este fato ocorre muito em escolas rurais e de interiores. É frequente ouvir gestores e professores dizerem: “não dê estes livros ou jogos para crianças porque eles podem quebrar ou rasgar”. Nesta direção, os livros, muitas vezes, ficam a enfeitar as estantes e armários da direção da escola, sem nem ao menos terem sido folheados.

Aprende-se a ler pela prática da leitura e não pelo estudo de regras. Provavelmente, gradativamente, os alunos vão desenvolvendo a compreensão do que se lê. Foucambert (1994) ressalta esta ideia quando diz que nesta leitura corrente a compreensão procede a enunciação mental/sonora, para melhorar técnicas e práticas de leitura.

Para Freire (1989) a leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo. Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. A Base Nacional Comum Curricular (2017) ao

trazer esta ideia destaca que a educação precisa ser realizada de forma contextualizada e de acordo com a realidade do aluno considerando os conhecimentos prévios dos alunos.

De acordo com Freire (1989, p. 07), a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político. Assim, entende que a educação deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção da história.

O autor compreende que “o ato de ler, não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1989,p. 05). Assim, acredita que a leitura deve ajudar a compreender a realidade e o contexto ao qual o sujeito está inserido. Portanto, a leitura se revela a partir do momento em que reconheço meu espaço de morada, de conviver com o outro, seja os primeiros passos, o início da fala etc. Todos estes atos exigem leitura.

Ao defender que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, Freire reforça a valorização da experiência, das vivências obtidas em diferentes espaços, antes mesmo de a criança entrar para a escola. Ao nascer a criança reconhece mãe, o seio materno, os cheiros e os sons à sua volta, etc. Assim considera-se, que a criança faz uma leitura de mundo que a rodeia, percebendo sons e cheiros.

Ao reconhecer o mundo a sua volta, por meio dessa primeira leitura, a criança consegue ler, identificar e dar significado a leitura de palavras, frases, e textos, de acordo com o seu contexto. Nesse momento, a criança está iniciando um processo de leitura chamado por Freire (1989,p.05)de leitura-mundo e em seguida de palavra mundo. Portanto, ler significa aprender a significação, seja da palavra, da frase, ou do texto. Acreditamos que ao permitirmos que as crianças expressem a sua leitura de mundo estaremos capacitando-a para muitas outras leituras e diferentes modos de ler.

Nesta perspectiva, Freire (1989,p. 01) diz que “a leitura do mundo procede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela”. Portanto, a leitura da palavra não é apenas procedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, ou de transformá-lo através de nossa prática consciente”.

Assim, a escola deve ser o espaço que oferece maior desenvolvimento e ampliação de conhecimentos referentes a leitura e a escrita, com acesso a diferentes textos e diversos gêneros textuais. Portanto, a instituição é responsável pelo ensino da língua escrita, de seu funcionamento, e suas convenções. O ensino da leitura e da escrita pela escola tem como objetivo a ampliação da competência comunicativa dos alunos, visando a sua maior

participação nas práticas letradas da sociedade. Nesta perspectiva, os professores devem ajudar as crianças a ler, a compreender, a fazer inferências e a desenvolver uma visão crítica do texto lido, realizando estratégias de leitura e mediações pedagógicas que proporcionem o posicionamento do estudante e a busca de referências em seu contexto social.

Para tanto, o professor deve compreender que a leitura e a escrita são processos intimamente vinculados as práticas sociais e as interações entre as pessoas e as situações de uso real, em contexto que são históricos e culturais que estão sempre em mudança e são produzidos pelos homens nas suas relações uns com os outros e com o mundo. Por isso entendemos que o ensino e a aprendizagem da leitura envolvem muitas e complexas facetas. É importante compreendermos que se aprende a ler interagindo, em situações de mediação, com intervenções intencionais e sistemáticas com a leitura enquanto prática social, realizando tais atividades com finalidades reais em contextos diversos com objetivos, materiais e gêneros textuais diferentes.

Nessa dimensão, o ensino da leitura apresenta experiências prazerosas, em situações em que as crianças são tratadas como sujeitos capazes de pensar, de dizer, de participar, de aprender e de se divertir enquanto aprende, e o professor tem função primordial de mediar as aprendizagens.

Segundo a BNCC (2017) a leitura é objeto historicamente reconhecido de aprendizagem em Língua Portuguesa. Se, para os outros componentes curriculares, ela é instrumento, em Língua Portuguesa é tema central. O estudo do eixo Leitura compreende a aprendizagem da decodificação de palavras e textos (o domínio do sistema alfabético de escrita), o desenvolvimento de habilidades de compreensão e interpretação de textos verbais e multimodais e, ainda, a identificação de gêneros textuais, que esclarecem a contextualização dos textos na situação comunicativa, o que é essencial para compreendê-los. São também constituintes essenciais desse eixo, por sua relevância para a compreensão e interpretação de textos, o desenvolvimento da fluência e o enriquecimento do vocabulário.

Solé (1998) ressalta a leitura como possibilidade de compreender mais amplamente o mundo quando diz que

Ler é compreender e compreender é, sobretudo um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender. É um processo que envolve ativamente o leitor, à medida que a compreensão que realiza não deriva da recitação do conteúdo em questão. Por isso, é imprescindível o leitor encontrar sentido no fato de efetuar o esforço cognitivo que pressupõe a leitura, e para isso tem de conhecer o que vai ler e para que fará isso [...].

Ao compreender as habilidades essenciais para o desenvolvimento da leitura, nos anos iniciais do ensino fundamental é importante pensarmos como estas habilidades estão sendo trabalhadas em sala de aula pelo professor, ou seja, que estratégias e propostas têm sido realizadas pelos docentes para que os alunos consigam aprender a ler de forma proficiente. Estas questões serão abordadas nas próximas seções deste trabalho.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”.

(Paulo Freire)

Esta segunda parte é dedicada à explicitação dos procedimentos metodológicos da pesquisa aqui apresentada. Inicialmente, procedemos à caracterização de nossa investigação, a pesquisa qualitativa. Na sequência, apresentamos e descrevemos o contexto da investigação: o campo de atuação e os sujeitos participantes da pesquisa. Caracterizamos, por fim, à luz do paradigma qualitativo, os instrumentos utilizados na geração de dados, a saber: observação participante com anotações em diário de campo, entrevista semiestruturada e recolha de documentos (materiais produzidos pela professora colaboradora e textos produzidos pelos alunos).

### **2.1 NATUREZA E TIPO DE PESQUISA**

A pesquisa “Leitura como prática pedagógica na educação do campo” realizada na Escola “José Rodrigues do Nascimento” em uma sala multisseriada se vale do paradigma qualitativo para traçar os caminhos investigativos, uma vez que a investigação utiliza procedimentos que, na sua coleta de dados e na análise envolve a subjetividade do pesquisador.

Sendo assim, foram utilizados na pesquisa os seguintes procedimentos metodológicos: a entrevista semiestruturada realizada com a docente e observações em sala de aula multisseriada dos anos iniciais do ensino fundamental (2º ao 5º ano) com o objetivo de

identificar as práticas de leitura realizadas. A pesquisa teve duração de dois meses. Foi utilizado para o desenvolvimento deste trabalho alguns autores, documentos e decretos que regem a educação do campo como: a BNCC - Base Nacional Comum Curricular (2017), Caldar (2002), Batista (2011), Freire (1989) Martins (2012), dentre outros.

O tipo de pesquisa utilizado foi a “Pesquisa de Campo” que, segundo Severino (2007) aborda o objeto em seu próprio ambiente. Sendo realizada a coleta de dados de maneira natural no decorrer das observações, abrangendo levantamentos descritivos ou analíticos.

A definição pela pesquisa de campo ocorreu porque a residência da pesquisadora fica próxima à escola como pelo interesse de conhecer mais profundamente a realidade de uma escola do campo. Sendo assim, a escolha da escola surgiu a partir o conhecimento do próprio pesquisador por acreditar que a Escola Municipal de Ensino Fundamental “José Rodrigues do Nascimento” condiz com o objeto de estudo deste trabalho de conclusão de curso.

O contato para realização deste trabalho ocorreu diretamente com a professora da turma que disponibilizou a sua sala de aula para que fosse realizado este trabalho de pesquisa. Durante a conversa mantida com a professora agendamos os dias para as visitas na escola. Neste mesmo dia, embora fosse nosso primeiro contato, a professora relatou algumas atividades de leitura que realizava na escola.

No dia seguinte, ao visitar a escola, a professora nos mostrou a estrutura física da escola, como está dividida. Apresentou-me ao corpo docente, ao corpo discente, e aos funcionários da instituição.

## 2.2 CONTEXTO DA PESQUISA: CONHECENDO A ESCOLA

A escola surge no ano de 1962 com a doação de um terreno feito pelo morador da localidade do Sítio Espera, senhor José Rodrigues do Nascimento. Depois de algum tempo, a escola passou a ser coordenada pela Secretaria de Municipal de Educação da cidade de Serra Grande, ganhando investimentos e ampliação.

A Escola municipal de ensino Fundamental “José Rodrigues do Nascimento” está localizada no Sítio Espera, no município de Serra Grande. Ela possui um total de 22 alunos distribuído da seguinte forma: 3 anos do segundo ano, 2 alunos do terceiro ano, 4 do quarto ano e 4 do quinto ano, totalizando 13 alunos do segundo ao quinto ano e 9 alunos da pré-

escola. A escola possui 2 (duas) salas, 2 (dois) banheiros 1 (uma) cantina, 1(um) almoxarifado, 1(um) pátio.

A escola dispõe de água encanada que garante a elaboração da merenda dos alunos e a limpeza do prédio. Dispõe também de sala com 5 computadores (nesta sala os alunos de quatro e cinco anos assistem aula e, também, é o local onde ficam guardados os livros didáticos). Como a escola não possui biblioteca, na sala dos alunos maiores tem uma estante que é utilizada para guardar os livros utilizados na escola.

Os recursos da escola são adquiridos através dos programas do governo federal e em parceria com a prefeitura municipal de Serra Grande. A escola dispõe de cinco funcionários distribuídos da seguinte forma: 2 professoras, duas merendeiras e uma auxiliar de serviço geral, exercendo ainda a função de porteira e recreadora.

A professora da sala de alfabetização e primeiro ano não possui formação de nível superior, porém, trabalhou na escola como auxiliar de sala há mais de dez anos e agora atua como docente. Atualmente a professora está cursando o curso de Pedagogia.

É uma escola pequena na zona rural, mas de muitos valores, os pais são antigos alunos da escola. A escola atualmente funciona apenas um horário, o turno da tarde, com duas turmas; uma sala é destinada aos alunos do segundo e quinto anos e a outra sala para os alunos da pré-escola e primeiro ano. Portanto, a escola funciona apenas com turmas dos anos iniciais do ensino fundamental.

### 2.3 A COLABORADORA DA PESQUISA

Em contato com a professora da escola, colaboradora da pesquisa, utilizamos a entrevista semiestruturada que, de acordo com Moreira (2014, p. 54), pode ser definida como “uma conversa entre duas ou mais pessoas com um propósito específico em mente”. Para este pesquisador, as entrevistas podem ser realizadas com o objetivo de obter as informações que, provavelmente, os entrevistados possuam, além de possibilitar o aprofundamento de “questões e esclarecer os problemas observados” pelo pesquisador (ANDRÉ, 2012, p. 28).

A professora, colaboradora desta pesquisa, tem 55 anos, é licenciada em geografia há dez anos. cursou o magistério nos anos de 1995/1996, em uma instituição chamada Escola Normal Estadual “Maria do Carmo de Miranda<sup>1</sup>”.

Atua como docente há 22 anos e, segundo ela, desde criança sonhava em exercer a profissão de professora, seguindo os passos de sua mãe que também foi professora de alunos do campo.

A professora colaboradora mora ao lado da escola é formada em Geografia pela UFPA (Universidade Federal do Pará) há mais de 10 anos e possui magistério desde de 1995. Ela é docente da Escola “José Rodrigues do Nascimento” há mais de 22 anos. Um fato interessante em relação a atuação da docente é que ela foi professora dos seus dois filhos mais novos que atualmente estudam na cidade de Serra Grande. Além de professora da turma, a docente é também coordenadora da escola no horário da manhã.

#### 2.4 OS INSTRUMENTOS DA PESQUISA: OBSERVAÇÃO

De acordo com André (2012, p. 28), a observação participante “parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado”. Dessa forma, no estágio de planejamento, o pesquisador deverá, além de definir o objeto e o foco de investigação, delimitar também o grau de envolvimento com a pesquisa (OLIVEIRA, 2008).

Nesse estudo realizamos uma observação das atividades realizada com a turma durante 10 dias distribuídos em dois meses e nos horários de funcionamento da escola. Realizamos a observação entre os meses de março e abril do ano letivo de 2019, totalizando dez observações, sempre às quintas-feiras, das 13 às 17h. Vejamos o cronograma a seguir:

---

<sup>1</sup>No ano de sua abertura, em 1986, a referida instituição recebeu o nome de Ministro Pereira Lira em homenagem ao Mestre Paraibano e professor José Pereira Lira, nascido no município de Santa Rita, [...]. Em 1992, a escola mudou de nome em homenagem à professora Maria do Carmo de Miranda, que participou da criação da escola, onde atravessou grandes dificuldades (NASCIMENTO, 2015).

Quadro 1 - Observação de aulas.

<b>Datas</b>	<b>Conteúdo/atividade realizada</b>	<b>Local</b> E.M.E.F. José R. do Nascimento
19/02/2019	Visita na escola	Escola
20/02/2019	Conhecendo a escola	Escola
26/02/2019	Pescaria do alfabeto	Sala de aula
27/02/2019	Leitura do texto “A bola”	Sala de aula
12/03/2019	Roda de leitura	Sala de aula
13/03/2019	Tapete de leitura	Sala de aula
19/03/2019	Caixa de leitura	Sala de aula
20/03/2019	Leitura imagens do texto	Sala de aula
26/03/2019	Leitura do texto “O leão e o rato”	Sala de aula
27/03/2019	Texto “Conscientização do dia da água”	Sala de aula
02/04/2019	Leitura do texto “Deu a louca em Romeu e Julieta” - exposição dos bonecos de fantoches	Sala de aula
03/04/2019	Teatro de bonecos continuação	Sala de aula

### 3 PRÁTICAS DE LEITURA EM SALA DE AULA

#### 3.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA ENTREVISTA

Neste terceiro capítulo, abordaremos a discussão dos dados, veremos as representações da prática de ensino de leitura, para isso analisaremos trechos transcritos da entrevista semiestruturada realizada com a professora colaboradora desta pesquisa. Os fragmentos, a seguir, versam sobre a frequência com que a docente realiza atividades de leitura e as estratégias de leitura utilizadas em sala de aula para incentivar e desenvolver a leitura nos alunos. Nelas, observamos indícios da concepção de leitura adotada em sala de aula.

Em relação ao ensino da leitura fiz a seguinte pergunta:

**Pergunta 1:** O que considera mais importante a leitura ou a escrita?

Sobre essa questão a professora responde:

Para mim os dois são importantes, portanto um depende do outro. No entanto acredito que as crianças de hoje são muito resistentes ao que se refere ao ensino da leitura. Muitas vezes isso acontece devido a falta de interesse por parte dos pais. Quando mando atividade de leitura para casa a maioria das crianças não faz. Esquecem. Por este motivo, infelizmente, a leitura acontece apenas na escola. Realizo a leitura todos os dias de forma individual, porém deixo um dia na semana, a quinta feira apenas para a realização de leitura. A nossa escola possui uma variedade de livros apesar de não ter biblioteca e sempre que vou na cidade pego na escola ou da secretaria diversos livros para se trabalhar com eles. Além disso, a escola recebe todo ano caixas de livro para cada turma. Faço isso por acreditar que precisamos estar sempre procurando novos conhecimentos. Na minha turma 80% sabem e gostam muito de ler, este ato é uma recompensa maravilhosa para um professor. (Professora/Colaboradora)

Observamos na fala da professora o entusiasmo com que ela relata seu trabalho e das atividades que desenvolve. A professora fala espontaneamente, não apenas responde a pergunta, mas também comenta sobre as experiências que vivencia com a leitura em sala. Em sua fala aborda as dificuldades que enfrenta em relação ao interesse dos pais, ajudando nas tarefas dos alunos.

Ao mesmo tempo em que aponta a dificuldade enfrentada, a professora demonstra acreditar na sua prática pedagógica, afirmando que, todos os dias procura trabalhar com a leitura, variando apenas a forma como realiza a atividade. Embora a professora não tenha respondido a pergunta de forma clara, por meio dos seus argumentos podemos observar a importância dada ao ensino da leitura no seu dia a dia.

**Pergunta 2:** Qual a forma ideal para ensinar uma criança a ler?

A professora respondeu:

Acredito que não existe uma forma ideal para ensinar ou aprender a ler. Cada criança tem seu tempo. No entanto acredito que quanto mais incentivos para ler mais resultados positivos teremos com nossas crianças. Diante do exposto acredito que eles têm um bom nível de aprendizagem a socialização e de 100%, a atenção varia. Poderia dizer que de 50%, lembrando que trabalho com alunos de faixa etária diferentes, por isso organizo a sala sempre em roda para que facilite a visualização de todos e para que todos possam interagir. (Professora/colaboradora)

Pela resposta da professora podemos perceber o cuidado que ela dispensa à turma e o reconhecimento de que cada criança tem um tempo para aprender. Na sua fala também é possível perceber que embora reconheça que as crianças aprendem em diferentes tempos a professora acredita que ao propor diferentes atividades para incentivar o aprendizado da leitura, mais resultados positivos pode alcançar.

Percebemos durante a visita que a escola não possui biblioteca, então perguntei à professora:

**Pergunta 3:** É importante uma biblioteca na escola?

A professora respondeu:

Acredito ser muito importante, biblioteca é um lugar de entusiasmo para qualquer leitor, principalmente para o ensino fundamental o qual está construindo o alicerce para bons leitores. Para futuramente eles possam escolher seus próprios caminhos e andar a passos largos sem ser vítimas de sua própria ignorância. No entanto improvisamos uma na sala o qual chamamos cantinho da leitura.  
(Professora/colaboradora)

Durante visita a escola tínhamos observado que a escola não tinha uma biblioteca, e esse fato nos preocupou porque sabemos a importância de variados livros para as crianças poderem escolher o texto para ler. Podemos perceber que a professora valoriza a biblioteca, como ambiente adequado para a leitura. A docente ressalta que a biblioteca deve ser “um lugar de entusiasmo para qualquer leitor”, demonstrando que acredita em um espaço vivo e dinâmico de leitura, onde as crianças possam descobrir o prazer e a alegria do ato de ler, escolhendo livros e textos de sua preferência.

**Pergunta 4:** Que textos costuma trabalhar em sala de aula?

A professora respondeu:

Sempre que possível trabalho trechos de músicas ou música, cantigas de roda, adivinhas, parlendas e outros. Esta é uma atividade que eles adoram. Utilizo alguns jogos como alfabeto móvel, sílabas, palavras chaves e etc. também trabalho com confecção de carta, bilhete, aviso, anúncios, receitas e etc.  
(Professora/colaboradora)

Podemos perceber pelo relato acima que a professora está sempre utilizando vários gêneros textuais para trabalhar o ensino da leitura com sua turma. Destaca em sua fala os gêneros utilizados como parlendas, adivinhas, cantigas de roda, músicas etc. A maioria são textos curtos, oriundos da cultura popular, que possuem um ritmo, e em alguns casos rimas que facilitam a aprendizagem das crianças.

Essa fala da professora ressalta mais uma vez a sua preocupação com a alfabetização das crianças e a aquisição da leitura por meio de textos lúdicos que apelam para a memorização de palavras e rimas. Além disso, a professora sinaliza para o uso de jogos, lançando sua atenção para práticas que favorecem a alfabetização. Sabemos que durante o processo de alfabetização o uso de jogos ajuda a criança a descobrir letras, sílabas e palavras.

**Pergunta 5:** A senhora se considera uma boa leitora?

A professora respondeu:

Acredito que não. Para um bom educador é necessário muita leitura. No entanto, considero que sou uma pessoa muito curiosa e sempre estou buscando novas descobertas para poder trazer para os meus alunos. Meu tempo é dedicado à escola e aos meus alunos. O tempo para eu ler é pouco, porém estou sempre buscando novas possibilidades para facilitar ou possibilitar o aprendizado do ensino da leitura. (Professora/colaboradora)

Diante deste relato pudemos perceber que a professora se esforça para dar o seu melhor para os alunos. Apesar da pergunta estar direcionada para o ato de ler da docente, observamos que a professora faz relação da sua leitura com a atividade profissional que exerce. Nesse sentido, expõe que as leituras que realiza têm como objetivo pesquisar atividades diferentes para levar para a turma. A professora não se preocupa com a sua leitura pessoal, o seu gosto. Para ela, todo o tempo que tem é dedicado para buscar novas possibilidades para ensinar os alunos a ler.

De acordo com as observações feitas em sala de aula pudemos perceber que a professora realiza atividade de leitura com os alunos todos os dias. Seja com textos, palavras produção de textos, leitura em livro didático, livro de literatura infantil, etc. A leitura ocorre de forma individual e, também, em pequenos grupos e coletivamente. Vejamos um exemplo: a professora escolhe um texto no qual todos compartilham a leitura, ou seja, cada aluno lê um parágrafo um verso ou estrofe. O objetivo é que todos participem da leitura. São utilizados alguns jogos existentes na escola. Os jogos, segundo a professora, facilitam muito o trabalho, porque através deles pode trabalhar várias temáticas. A professora também propõe aos alunos a realização de pesquisa na internet, pedindo para pesquisarem receitas, curiosidades etc. Em todas as atividades propostas a professora considera as peculiaridades de cada turma, de cada aluno e as condições para realizarem a pesquisa.

O relato da observação realizada confirma o envolvimento da professora com as propostas de leitura e a diversidade de atividades que desenvolve em sala.

### 3.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA OBSERVAÇÃO

No primeiro dia de observação a professora havia preparado uma atividade sobre pescaria do alfabeto. A ideia era que todos participassem e interagissem de acordo com o

nível em que se encontram (o ano). Isto porque é uma sala multisseriada com alunos do segundo ao quinto ano.

A atividade foi confeccionada pela mesma era uma caixa decorada onde foram colocados vários peixes cada um com uma letra do alfabeto. Ao pescar o peixe o aluno deveria identificar a letra, dizer uma palavra que tivesse a letra inicial e formar uma frase. Esta atividade era realizada com os alunos do segundo e terceiro ano. Os alunos do quarto e quinto anos também faziam o mesmo processo, porém com um diferencial, eles finalizavam a atividade com uma produção textual.

Imagem 1- Pescaria.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

No segundo dia de observação a aula teve início com o texto “A bola”. O texto foi distribuído para a turma e a professora pediu para que um aluno realizasse a leitura para a turma. Ao término da atividade a professora refez a leitura para a turma e discutiu o tema do texto, realizando a interpretação oral, destacando as informações principais do texto. Em seguida, fizeram a interpretação escrita do texto, respondendo um questionário com cinco questões sobre o mesmo. Depois, a professora realizou uma atividade de gramática que consistia na separação de sílabas de algumas palavras. Para o segundo e terceiro ano, a atividade consistia em identificar no texto as palavras dissílabas e, em seguida, deveriam escrevê-las no caderno. Para o quarto ano, a proposta era a mesma, ou seja, identificar e escrever nos cadernos as palavras trissílabas e, em seguida, construir frases com elas. Para o quinto ano a atividade parecia mais fácil, mais de fácil não tinha nada! A atividade consistia

em retirar do texto todas as palavras que tivessem duas vogais juntas (encontro vocálico) e escrever um pequeno texto utilizando estas palavras.

No terceiro dia de observação a atividade abordou o eixo leitura. A atividade foi realizada em uma roda de leitura com o livro de literatura infantil que a escola possui. A professora expôs vários livros no chão, no meio da sala. Os alunos organizados em roda podiam observar e folhear os livros que estavam no centro da roda. Nesse momento a professora explicou a atividade que deveria ser realizada por cada ano. Cada aluno deveria escolher um livro e ler a história escolhida para a turma.

Ao ler os alunos devem ter o cuidado de demonstrar as imagens da história, existente no livro, para os colegas com os objetivos de que compreendam melhor o texto. Em seguida, o aluno que leu a história fará perguntas sobre a história contada para a turma. Esta atividade exigiu muita atenção da turma. Nesta hora, a professora entrou em cena para auxiliar na realização da atividade, fazendo a contextualização da história lida, aproximando-a da realidade do aluno.

Exemplo: A história “A minhoca que comia nozes”. Alguns alunos ao ouvirem o nome minhoca não identificaram o animal, mas depois de ver a imagem um aluno disse que conhecia aquele animalzinho pelo nome de *gogo* e que o utilizava como isca para pescar peixe no açude que tem perto da casa dele (aluno Jefferson). A professora disse à turma que aquela história seria trabalhada no decorrer da semana com o objetivo de abordar outras disciplinas como matemática, ciências, dentre outras. Observamos que a professora sempre procurando aproximar a história dos conteúdos disciplinares e da realidade dos alunos. Lembrando que as atividades realizadas são sempre de acordo com a turma ao qual, cada aluno está.

No quarto dia de observação a professora trabalhou o “tapete de leitura”. A sala foi organizada em roda e o tapete de leitura foi exposto no chão. Sobre o tapete havia, várias letras do alfabeto, sílabas, palavras incompletas e livros de literatura infantil. No primeiro momento a professora explicou a atividade de acordo com a respectiva turma (ano). A atividade tinha como objetivo estimular a leitura, mas de uma forma não convencional. A turma se empolgou com a atividade.

A proposta para os alunos do segundo e terceiro ano consistia em completar as palavras com a letra ou sílaba que estava faltando. As palavras e letras estavam espalhadas no tapete de forma aleatória. As crianças precisaram muita atenção para encontrar a letra ou sílaba correta para completar ou formar a palavra.

Em seguida a palavra é organizada e exposta no chão para que todos visualizem, a criança diz a palavra formada para a turma. Nesse momento de socialização os alunos de todos os anos participam. Após a socialização, a professora realiza o ditado das palavras formadas para que os alunos escrevam o caderno.

Para os alunos do quarto e quinto ano, ao término desta atividade é solicitado a realização da contação de história e a contextualização com a turma.

Pudemos observar que todos os alunos ficam atentos, ouvindo a história. Todos querem responder corretamente as perguntas que serão feitas pelo aluno leitor sobre o texto. Esta atividade ajuda o aluno a ter mais atenção, aprender, desenvolvendo a visão crítica do texto na medida em que deveriam destacar partes importantes do texto e contextualizar a história para a realidade de cada um. Como exemplo de uma história apresentada temos “A coruja que queria ser cantora”. Entre os próprios alunos acontecem comparação quando dizem

“o colega Adrio quer ser vaqueiro, mas não sabe montar num cavalo”.

Imagem 2- Tapete de leitura.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

No quinto dia de observação foi realizada a atividade “Caixa de leitura”. Esta atividade é feita com tampinha de garrafa pet e letras do alfabeto. O aluno deve selecionar uma imagem e escrever a palavra correspondente. Esta atividade foi realizada em grupo e teve os seguintes objetivos: identificação da letra inicial, final, e do número de letras, de sílabas, de vogais e de consoantes bem como o reconhecimento do som de cada palavra e da sílaba. Em seguida, a professora solicitou que os alunos realizassem a leitura de todas as palavras que estavam expostas no quadro e que copiassem as palavras no caderno. Os alunos ficaram muito entusiasmados com a atividade.

Para concluir a proposta, em um terceiro momento da aula, a professora orientou as seguintes atividades: os alunos do segundo e terceiro deveriam produzir frases com as palavras; os alunos do quarto e quinto ano deveriam produzir um texto com uma das palavras geradoras. Como exemplo a palavra “Foguete” que surgiu na atividade realizada. A atividade obteve sucesso e os alunos se envolveram bastante com a proposta.

Imagem 3 - Caixa de leitura.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Imagem 4 - Atividade no quadro.

NOME	NÚMERO DE LETRAS	NÚMERO DE SÍLABAS
pipila	6	4
vaca	5	2
bombom	6	2
presente	8	3
vacaria	5	2
boi	3	2
jacaré	6	3
burro	5	2
foguete	7	3
nois	4	2

Fonte: Arquivo pessoal (2019).

No sexto dia de observação a proposta trabalhada foi nomeada de “Imagem texto” e consistia na observação de uma figura (imagem) que representava uma ação que estava acontecendo. Para cada imagem a professora recortou o texto para que ao observarem a imagem organizassem o texto de forma coerente. Os textos tinham de seis a oito estrofes. Depois de organizado e feito a leitura os alunos deveriam criar um tema para este texto. Em seguida o texto deve ser passado para o caderno. A atividade foi realizada em grupo. Cada

grupo leu a história criada pela turma e relatou o tema escolhido para o texto. Esta atividade teve como objetivo trabalhar a atenção, o raciocínio lógico, leitura e também a escrita.

Imagem 5 - Escrita dos alunos.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

**No sétimo dia de observação** o trabalho iniciou com o texto “**O** rato e o leão”. Além de trabalhar a leitura o texto traz exemplos que ajudam a discutir temas como: amizade, cooperação, respeito com o próximo, trabalhando de forma geral as emoções dos alunos. Esta foi uma atividade muito interessante e os alunos interagiram muito bem. Acreditamos que o objetivo da aula foi alcançando, portanto, a ideia de debate em sala sobre tema interdisciplinar é muito importante para a formação dos alunos da educação do campo. Depois do debate sobre o tema abordado foi aplicado um questionário sobre o texto e sobre a discussão realizada na sala.

**No oitavo dia** de observação, foi trabalhado o texto sobre “A importância da água na natureza”. Esta atividade teve como objetivo a conscientização sobre o uso e conservação da água no planeta e na localidade onde os alunos vivem. Nessa atividade a proposta era trabalhar os locais onde encontramos a água, a sua utilidade para os seres humanos e o planeta, bem como os estados em que aparece na natureza: líquido, sólido e gasoso.

Embora o trabalho com o tema água faça parte da área de Ciências, a atividade teve relação com o ensino de português, na medida em que a leitura da história da água, despertou o interesse dos alunos com informações relacionadas aos estados que a água se apresenta na natureza. Todas estas informações foram expostas, dialogadas e explicadas em sala e algumas imagens que estavam disponíveis no livro didático, ajudaram a aguçar a curiosidade dos alunos.

Imagem 6 - Escrita dos alunos (2).



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Imagem 7 - Atividade.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

No nono dia de observação a aula foi realizada a partir do texto “Deu a louca em Romeu e Julieta”. O texto teve como objetivo trabalhar com fantoches. Inicialmente professora mostrou aos alunos os fantoches. Nesse momento a reação dos alunos foi muito interessante. Todos queriam pegar os bonecos e ensaiar uma fala. Depois os alunos identificaram personagens nos fantoches.

No segundo momento a professora entregou o texto “Deu a louca em Romeu e Julieta” e pediu a cinco alunos para realizarem a leitura do texto, em voz alta para a turma. O texto apresentava cinco personagens, por isso, cada aluno deveria ler a parte referente a um personagem.

Em seguida, a professora pediu aos alunos para observarem as características do gênero, identificando-o como suspense, comédia, romance etc. Pudemos presenciar os alunos identificando o texto como comédia romântica. Esse foi um momento muito significativo dessa observação. Acreditamos que essa atividade alcançou seu objetivo de leitura e

identificação do gênero. No final da aula os alunos levaram o texto para casa, pois iam ensaiar as falas dos personagens para apresentarem com os fantoches no dia seguinte.

Imagem 8 - Improvisando com fantoches .



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

No décimo dia de observação a atividade com fantoche iniciada na aula anterior teve continuidade. Os alunos estavam eufóricos para realizar a atividade. No primeiro momento, a professora explicou como seria a atividade para que todos participassem e respeitassem a vez do outro. Em seguida pediu que fizessem a leitura do texto mais uma vez para apreender o enredo da história.

Depois da leitura a professora preparou o cenário junto com os alunos, colocando uma cortina na porta da sala e convidando a turma da educação infantil e os funcionários da escola para assistirem o teatro de fantoches. Os alunos ficaram entusiasmados com a presença da plateia.

Dando continuidade à atividade os alunos apresentaram a história por meio do teatro de fantoches, com a participação de sete alunos. Cinco alunos representavam os personagens e dois cuidavam dos bastidores, para que desse tudo certo. Esta atividade foi realizada em equipe. A turma foi dividida em dois grupos um grupo de sete alunos e outro de seis. Cada grupo apresentou a sua interpretação para teatro da história. Assim, plateia pode apreciar o espetáculo duas vezes.

Ao final os alunos fizeram uma avaliação de cada apresentação. Os grupos concluíram que todos se saíram bem. Ao término da atividade fizemos um lanche coletivo e os alunos ficaram brincando com os fantoches e produzindo falas improvisadas. Essa aula foi muito rica e significativa para todos.

Imagem 9 - Apresentação grupo 1 .



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Imagem 10 - Apresentação grupo 2.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Diante das atividades expostas, relatadas a partir da observação das aulas da professora/colaboradora dessa pesquisa e dos estudos realizados sobre a temática leitura, acreditamos que as propostas realizadas pela docente conseguiram alcançar objetivos diretamente ligados à aquisição, desenvolvimento da leitura pelos alunos, nos diferentes anos em que se encontram.

Observamos que as propostas trabalhadas buscavam integrar os grupos em todas as atividades, fazendo-os com que a participação em todas as atividades fosse de qualidade. A professora trabalhou com uma diversidade de textos, utilizou variados procedimentos e metodologias que se destacam por serem lúdicas, desafiadoras, reflexivas, desafiando os alunos a desenvolverem a autonomia com criatividade e integração.

Consideramos que o trabalho com a leitura foi realizado de forma articulada, integrando outras áreas do conhecimento como também os eixos oralidade e escrita, para o ensino de língua portuguesa.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final deste trabalho, consideramos que, quanto mais a criança tem acesso à leitura, mais informações obterá. É importante que o hábito de ler comece bem cedo, quando a criança está pequena, ouvindo histórias e causos contados pela família.

Entretanto, entendemos que é possível formar o hábito desenvolvendo o gosto pela leitura. A criança precisa ser incentivada desde cedo para gostar de ler, percebendo que a leitura pode ser divertida, informativa, instrutiva e formativa.

Durante a pesquisa ficou claro que ler não é apenas um hábito mecânico de decodificação; ler é um ato complexo que oportuniza o leitor a descobrir e redescobrir. Portanto, ler também é transmitir emoções e prazer. Para que a criança alcance este nível de prazer é necessário que a escola e a sociedade se comprometam com essa prática para que as crianças sejam leitores para uma vida toda.

Acreditamos que a escola deve ser um espaço onde deve acontecer o incentivo para as crianças lerem, somente assim desenvolvemos uma criança para que quando adulto caminhe a passos largos.

Ao analisar as práticas desenvolvidas pela professora percebemos que a mediação da docente pode ser um diferencial na vida do aluno, na medida em que ela promove o incentivo e o gosto pela leitura, trazendo para a sala diversas formas de leituras e gêneros textuais e atividades diversificadas. Porém acreditamos que esta ação precisa ultrapassar os muros da escola e ter continuidade nas famílias, por meio de estímulo e participação mais efetiva dos pais. Acreditamos que seja fundamental que exista um elo entre escola pais e sociedade como um todo, para que haja um bom crescimento para os povos desta sociedade/comunidade os quais os beneficiados são aqueles que passeiam entre as linhas de cada texto lido.

Portanto, através da leitura podemos despertar a imaginação das crianças, incentivando-as a ler histórias e variados gêneros, dando oportunidade para que elas, quando adultas possam escolher o caminho de ser leitor, não apenas de textos, mas também do mundo.

Nesse sentido, defendemos que os alunos das escolas do campo tenham acesso a uma educação de qualidade com práticas pedagógicas que os incentivem a ler, com atividades significativas e lúdicas, respeitando a especificidade da sua realidade. A educação no e do campo deve ser pensada para os sujeitos do campo e com os sujeitos do campo e é com o ensino da leitura que se pode mudar a realidade de cada um.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Maria Fernanda dos Santos. **Educação do campo e a formação de professores: construção de uma política educacional para o campo brasileiro.** Universidade Del Mar (UDELMAR) Chile, 2011.
- BATISTA, Maria do Socorro Xavier. **Estado, Luta de Classes, Movimentos Sociais e as Políticas de Educação do Campo.** In: BATISTA, Maria do Socorro Xavier. *Movimentos Sociais, Estado e Políticas Públicas de Educação do Campo.* Editora da UFPB, 2011.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 7. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.
- BRASIL. **Decreto Lei nº. 7.352/2010.** Política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm). – Acessado em 02 de janeiro de 2019.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.** A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização. Caderno 05 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Currículo na alfabetização: concepções e princípios: ano I unidade I:** ministério da educação. Secretaria de educação básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2012.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, Ministério da Educação, 2017.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Parecer nº 7, de 7 de abril de 2010.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de julho de 2010, Seção 1, p. 10. Disponível em: <[http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/pceb007\\_10.pdf](http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/pceb007_10.pdf)>. Acesso em: 23 mar. 2017.
- CALDART, Roseli Salette. **Por uma Educação do Campo:** Traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Jorge Edgar; CERIOL, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salette. *Educação do Campo: identidade e políticas públicas.* Brasília/DF, 2002.
- FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FOUCAMBERT, J. **A criança, o professor e a leitura.** Porto Alegre: Artes médicas, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 15. ed. São Paulo: brasiliense, 2012.

MOREIRA, Orlandil de Lima.(org.). **Educação do campo**: reflexões teóricas e práticas pedagógicas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

NASCIMENTO, Anne Kelly do. Escola Normal Estadual Maria do Carmo de Miranda: formação de professores. **Dissertação de Mestrado**. UFPB, 2015.

PINHEIROS, Maria do Socorro Dias. **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira**. UFPA Pedagoga, Especialista em Gestão, Mestranda em Educação, da Linha Currículo e Formação de Professores, Turma 2007. Integra a coordenação GEPECART (Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação do Campo da Região Tocantina, em Cametá). Participado do GEPERUAZ – Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Rural na Amazônia. Compõe a coordenação pedagógica do PRONERA - Pólo de Tucuruí.

RONCA, Antônio Carlos Caruso; ALVES, Luiz Roberto (org.). **O Plano Nacional de Educação e o Sistema Nacional de Educação**: educar para a equidade. São Paulo: Fundação Santillana, 2015.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. São Paulo: Artmed, 1998.

# **ANEXOS**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

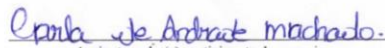
PREZADO (A) SENHOR (A)

Nossa pesquisa intitulada **ALEITURA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**, está sendo desenvolvida pela pesquisadora **MARIA IVA PEREIRA SULA**, estudante do curso de licenciatura em Pedagogia com Área de Aprofundamento em Educação do Campo da graduação em educação na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, durante o período do dia 07 de fevereiro à 07 de abril, sob a orientação da prof.<sup>a</sup> Dra. **MARIA APARECIDA VALENTIM AFONSO**. O objetivo geral da pesquisa é analisar as práticas de leitura realizada pela docente em uma sala multisseriada, do segundo ao quinto ano, para compreender o desenvolvimento das ações pedagógicas e a aprendizagem das crianças no eixo leitura. A finalidade deste trabalho é contribuir com o processo de ensino e aprendizagem realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Rodrigues do Nascimento, localizada no município de Serra Grande/PB, no Sítio Espera.

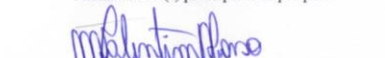
Solicitamos a sua colaboração autorizando o uso e a produção de imagens de seus/suas filhos(a) para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da educação e publicar em revistas científicas (se for o caso). Por ocasião da publicação dos resultados, o nome da criança será mantido em sigilo. Informamos que esta pesquisa não oferece risco para a saúde e bem estar da criança. Esclarecemos que a participação do estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na instituição. A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto pedimos seu consentimento;

Eu declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para que meu/minha filha/filho participe da pesquisa. Autorizo também a divulgação e a publicação dos materiais produzidos durante a pesquisa e seus resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

  
Assinatura do (a) participante da pesquisa

  
Assinatura da pesquisadora responsável

  
Assinatura da orientadora

Contato com o pesquisador (a) responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) **MARIA IVA PEREIRA SULA**, telefone: (83) 98633-3855, e-mail [mariaivapsula@gmail.com](mailto:mariaivapsula@gmail.com), com a orientação da prof.<sup>a</sup> doutora Maria Aparecida Valentim Afonso, telefone (83) 98767-8213, e-mail: [aparecida.valentim@gmail.com](mailto:aparecida.valentim@gmail.com)

## Questionário

### 1 BLOCO

1. Qual seu nome:
2. Sua idade?
3. Sua naturalidade?
4. Você mora longe ou perto da escola que você trabalha?
5. Qual sua formação?
6. Qual a instituição que terminou sua formação?
7. Você possui especialização? Qual?
8. Há quanto tempo você se formou?
9. Há quanto tempo você trabalha na área de educação e especialmente a educação do campo?
10. Por que a opção de ser professor? Justifique

### 2 BLOCO

11. Os alunos são todos da mesma localidade?
12. Os alunos dependem de transportes da prefeitura ou outros para vir para a escola?
13. Para você o que é mais importante a leitura ou a escrita? Justifique
14. Como você vê a relação das crianças em relação a leitura? Justifique
15. Como você organiza o tempo e o espaço para a realização da leitura?
16. No seu ver, quais os locais que a criança pratica mais a leitura?
17. Em sua opinião a escola a qual você trabalha dar suporte para que as crianças tenham mais acesso a leitura? Justifique sua resposta
18. Qual a concepção de leitura para você?
19. Você considera que seus alunos são bons leitores? Por que?
20. De que forma você trabalha o ensino da leitura com seus alunos?
21. Quantas vezes na semana você trabalha o ensino da leitura?
22. A escola possui biblioteca? a sua opinião, qual a forma ideal para ensinar a criança ler?
23. Na sua opinião, como você considera a aprendizagem, atenção e a socialização de seus alunos? Justifique
24. Você vai ou incentiva os alunos a ir à biblioteca para ler?
25. Você requisita algum livro para eles ler? Com muita ou pouca frequência?
26. Usa a biblioteca com os alunos ou outro espaço para o ensino da leitura?
27. De que formas diferentes você acredita ou pratica o ensino da leitura com seus alunos?

28. Com que frequência você participa de atividades relacionadas a leitura com seus alunos? Exemplo: eventos da escola, peça teatral etc.
29. Para você como educador qual a relevância de se ter uma biblioteca na escola?
30. Exemplifique alguns das matérias que você usa para o ensino da leitura, exceto o livro didático.
31. Quais os gêneros textuais que você mais gosta de trabalhar com seus alunos em relação a leitura?

### 3 BLOCO

32. Você como professora considera-se uma boa leitora? Justifique
33. Você considera que seu tempo dedicado a leitura é; suficiente ou insuficiente? Justifique sua resposta
34. Quais são as maiores barreiras para sua frequência na leitura? Justifique sua resposta:  
**A**( ) tempo **B**( ) condições financeiras **C** ( ) dificuldade de acesso a biblioteca **D** ( ) lentidão na leitura **E** ( ) outros.